

«Exausta fujo as arenas do puro intolerável
Os deuses da destruição sentaram-se ao meu lado
A cidade onde habito é rica de desastres
Embora exista a praia lisa que sonhei»

Sophia de Mello Breyner Andresen

Obra Poética — III

Chegados ao Colégio da Alta Vista, os jornalistas foram recebidos ao portão por um dos monitores, que logo os guiou, em silêncio, até ao gabinete da direção.

O doutor Prudêncio aguardava a chegada dos visitantes na companhia da psicóloga destacada para aquela instituição de reinserção social e logo a apresentou:

— A doutora Laurinda Praça. Estes senhores trabalham na revista *Visões* e pretendem fazer uma reportagem sobre o nosso colégio, não é verdade?

Luísa Ruas, que iria ocupar-se das entrevistas e da redação, acenou afirmativamente, apresentando o colega que se encarregaria das fotografias.

— Façam o favor de se sentarem — pediu o diretor.

— Nós gostaríamos de trocar impressões com alguns dos rapazes que aqui vivem — disse, então, a jornalista. Depois, reparando no ar hesitante do diretor, acrescentou: — Se fosse possível, claro.

O doutor Prudêncio trocou olhares com a psicóloga e acabou por anuir:

— Não vejo por que razão não haverão de conversar com os miúdos. Mas talvez mais tarde; agora, eles estão ainda

na sala de estudo e, como os senhores calculam, temos regras que devem ser cumpridas o mais possível.

— Pois... — respondeu, timidamente, a jornalista. Em seguida, ainda pouco à vontade, começou o rol de perguntas sobre aquela instituição, após o diretor ter acedido a que se gravasse a conversa.

— Sugiro que tentem falar com o Domingos — disse, quase no fim do diálogo, a psicóloga.

E o diretor explicou:

— O Domingos é um rapaz mulato que nasceu em Angola e foi adotado por pais portugueses de raça branca. Esteve aqui connosco um ano e, felizmente para todos, sai amanhã.

— Acham que ele vai sentir-se à vontade para conversar um pouco connosco? — inquiriu a jornalista.

— O Domingos, embora, às vezes, não pareça, é um jovem civilizado — respondeu a psicóloga. Depois, resolveu esclarecer: — Quando veio para Portugal, tinha apenas quatro anos. Os pais adotivos são ambos médicos, aliás, o pai fez trabalho em África com o pessoal da AMI.

— Foi por isso que encontrou o rapaz? — quis saber a jornalista.

— Exatamente — retorquiui a doutora Laurinda. — O Domingos sofreu imenso em Angola: o pai biológico, que era branco, foi uma das inúmeras vítimas das minas que por lá há; quanto à mãe, negra, o Domingos teve a infelicidade de assistir à sua morte, durante um ataque das tropas antigovernamentais. Por aquilo que consegui apurar, o rapaz não se lembra de pormenores, mas, ainda assim, creio que se recorda de algumas coisas que não me disse

e que talvez nunca tenha dito a ninguém. De qualquer forma, era muito novo; provavelmente, bloqueou muito do que viu.

— E ele veio parar aqui porquê? — indagou a jornalista Luísa Ruas.

— De facto — começou o diretor do colégio —, o Domingos é uma exceção relativamente aos outros que cá temos tido, porque, ao contrário da maioria, senão de todos, ele tem uma família estável e com bons recursos. Os pais são pessoas que nos parecem bastante equilibradas e a irmã, uma jovem que é a primeira filha do casal, filha biológica, mostra-se muito interessada por tudo o que acontece ao irmão; é-lhe muito chegada, até porque ambos têm a mesma idade.

— Nesse caso — interrompeu Luísa Ruas —, como é que o Domingos acabou por se tornar delinquente ao ponto de ter de vir para esta instituição?

— Bom — atalhou a psicóloga —, a estabilidade familiar é importante, mas não é tudo... O Domingos fez cá os dezasseis anos e, quando o vimos pela primeira vez, pareceu-nos estar perante um jovem normalíssimo para a sua idade. Tinha, e tem, aquilo a que vulgarmente chamamos «bom aspeto»: não era viciado em droga, álcool ou tabaco; frequentava o colégio onde a irmã ainda estuda e só reprovou um ano, por causa de um problema de dislexia que ainda não desapareceu completamente. O que aconteceu foi que o Domingos decidiu dar-se com outros jovens de origem africana, que moram num bairro perto do dele... Primeiro, começou a revelar mau comportamento na escola que frequentava, onde terá ganho a mania dos *graffitis*, que,

felizmente, já lhe passou; depois, com as más companhias, começou a meter-se em zaragatas com seguranças de centros comerciais, empregados de lojas, etc. Mas o caso pior foi quando destruiu as montras de dois estabelecimentos num centro comercial, tendo, em seguida, espancado um empregado de caixa que, ao que parece, terá desconfiado dele sem razão, visto que o Domingos, segundo nos affiançou, nunca roubou nada.

— Então, teve de mudar de escola quando para aqui veio — continuou a jornalista.

— Os pais já o tinham tirado do tal colégio — contou o diretor —, porque ele andava sempre a arranjar encenecas com todos os rapazes que se aproximavam da irmã e, muitas vezes, era violento. O Domingos tem um sorriso encantador, um sorriso que nem parece dele... Engana um bocado, percebem?

— Mas nunca fez parte desses gangues dos assaltos às gasoleiras, pois não? — quis saber a jornalista.

— Nunca recebemos queixas disso — volveu o diretor —, apesar de ele ter conseguido fugir daqui três vezes...

— E é vulgar os rapazes fugirem, não é? — inquiriu o repórter fotográfico.

— Como devem calcular — tornou o diretor —, por muito que nos esforcemos, e esforçamos, nem sempre é possível evitar as fugas. Por outro lado, alguns dos rapazes têm ordem para sair, de vez em quando, acompanhados pelo monitor. E o Domingos, durante algum tempo, mereceu essa liberdade.

Terminada a conversa no gabinete, os jornalistas dirigiram-se para o pátio do colégio e logo se lhes deparou um

jovem mulato, de porte atlético e o tal «bom aspeto» a que a psicóloga se referira; cabelo curto e limpo, calças *Levis*, gorro *Nike*, sapatilhas *Adidas* novas em folha, *T-shirt* impecável e de bom gosto. Foram tentar a sua sorte:

— Tu é que és o Domingos? — perguntou, delicadamente, a jornalista.

— Hum-hum.

— Bem, o meu nome é Luísa. O meu colega é o Ricardo e estamos ambos a fazer uma reportagem sobre o teu colégio.

— Meu, ponto e vírgula... Amanhã, já vou estar longe — respondeu, aliviado, o rapaz.

— Já soubemos — continuou Luísa Ruas. — Parabéns! Será que poderemos sentar-nos por uns minutos? Gostávamos de falar um bocadinho contigo. Não precisas de te preocupar, porque o teu nome verdadeiro não vai aparecer na revista e a tua cara também não.

Sentaram-se os três num banco de pedra e o Domingos, ainda um pouco desconfiado, perguntou:

— Mas porque é que querem falar comigo? Eu vou-me embora daqui amanhã!

— Talvez por isso mesmo. Mas também procuraremos conversar com alguns colegas teus que ainda por cá tenham de ficar mais uns tempos — retorquiu a jornalista.

— E o que é que vocês querem saber?

— Olha, para começar, o que é que tu gostavas mais de fazer antes de... antes de vires parar aqui?

O Domingos franziu o sobrolho. Não gostava particularmente de falar com desconhecidos, mas a jornalista era ainda jovem e parecia simpática. Lá acedeu.